



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### **TERRA-E-TERRITÓRIO, JORNALISMO E BIOECONOMIA**

### **SIMBÓLICA POPULAR - O DIA E LUGAR, NOS CERRADOS,**

### **EM QUE A PESQUISA FOI EXIGIDA NA E PELA EXTENSÃO**

Nilton José dos Reis Rocha<sup>[1]</sup>, [niltin.rocha@gmail.com](mailto:niltin.rocha@gmail.com)<sup>1</sup>

Ludmila Pereira de Almeida<sup>[2]</sup>, [ludjornalismo@gmail.com](mailto:ludjornalismo@gmail.com)<sup>2</sup>

## RESUMO

Este texto tem uma pretensão imensa: falar de um singelo conceito de extensão, construído nos Cerrados centrais, que retoma a compreensão de que a comunicação – e o jornalismo que aí está implicado – é determinante na organização das sociedades desde que não esteja como esfera do capital neoliberal e, em consequência, o agronegócio. Dono, também, de forma direta ou indireta dos chamados meios que sustentam a falsa justeza de sua lógica de produção, que destrói os cerrados, e no seu veneno simbólico que tenta (nos) convence de que seus agrotóxicos são inofensivos. Da agricultura familiar, o caminho mais seguro, sustentável e coletivo, de superar as crises a que a humanidade foi empurrada, na atualidade. O projeto Terra e Território é a alma deste relato. *E a terra é feminina*<sup>3</sup>.

## PALAVRAS-CHAVE

Terra—Território. Sojificação da Sociedade. Veneno Simbólico.

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia, pelo CES-FEUC/Universidade de Coimbra. Graduado em Jornalismo pela UFG. Coordenador dos Laboratórios Integrados em Jornalismo Compartilhado *Magnífica Mundi* (UFG) e alguns de seus projetos de extensão a exemplo de *Terra e Território*, *Brabo* (Brasil-Bolívia), *Tanto Cerrado e Tanto Mar* (TV Serrana- Sierra Maestra-Cuba). Da diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Goiás. Ex-bolsista Fenaj-Unesco junto ao Instituto Internacional de Periodismo José Martí (Cuba).

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística; Universidade Federal de Goiás; Goiânia, Goiás, Brasil.

<sup>3</sup> “A terra é uma figura feminina. Então, a importância desse movimento também é de acolher, o que as mulheres têm feito no sentido de proteção dessa biodiversidade como um todo. Que inclui a gente, as comunidades e os povos”, avalia Franciléia Paula (apud ALMEIDA, 2023, outubro 23)



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## 1. UMA INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *Terra e Território*, dos Laboratórios Integrados em Jornalismo Compartilhado Magnífica Mundi, da UFG, de núcleos de agricultura familiar, tradicional e da reforma agrária, em quatro municípios do Médio Araguaia, em Goiás, tem sido um universo interessante e desafiador, ao ousar se atirar em processos inovadores – e coletivos - no formular e construir um projeto popular de bioeconomia agroflorestal comunitária, na contramão do modelo exportador e seus *desertos verdes* (SHIVA, 2012, março 12)

Apesar da pandemia, as articulações de base e a busca de um método, o compartilhar, que assegurasse mobilização e participação efetivas ao longo da caminhada, permitiram trajetória um tanto curiosa. De um questionário aplicado em 120 famílias – e, prioritariamente, respondido por mulheres – se avançou, passo a passo, para proposta de se construir fábrica de polpa de frutas e cozinha multifuncional, para panificação e doces dos cerrados, além da organização de quintais agroecológicos.

Antecipando à Hungria (2025), Almeida alerta, também, que quem mantém o Cerrado em pé e vivo, “são as mulheres e os povos e comunidades tradicionais”, a exemplo da Terra Kalunga, em Goiás, são os saberes das mulheres que preserva 83% das áreas nativas do território. Proceder a que ela define como “saborania”, guardiãs da biodiversidade que, longe das monoculturas do agronegócio, garantem “a autonomia de escolher o que comer e como plantar o alimento” (ALMEIDA, *opus cit.*)

A chegada de uma agrônoma, vinda de círculos da agricultura familiar, confere, por sorte, a um dos objetivos centrais do projeto, engajar o *empoderar* feminino, uma dimensão encantada e reforça ideia de quintais como espaços das mulheres e determinantes não só na recomposição da vida sustentável da família camponesa, mas,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



também, na garantia de outro projeto de sociedade igualitária e solidária, no país e na humanidade. Como diz a *muga Pedrosa*, Boe, “*eu sou também mãe da humanidade*”<sup>4</sup>

## 2. METODOLOGIA

Nos desafios nascidos das andanças e vivências no mundo da vida e das lutas e fazeres populares, a cada passo, tornou-se indispensável pensar e construir um método (de princípio, inquietação apenas nas práticas comunicativas com setores populares, no país e na afroaméricallatina, ou Abya Yala) que, partindo das convicções e esperanças freirianas, fortalecidas e confrontadas no sentido mais criativo, por pensadoras/es dos povos originários, preto e pardo, da rua, ciganos, ribeirinhos e cerradeiros.

Ou seja, um método que, paciente, criativo e crítico, segue com todas e todos (e todes) que desejam o mesmo caminhar, de maneira generosa e mesmo contraditória em alguns aspectos. Que gestasse, no cotidiano e na projeção futura, *un mundo en que caben todos los mundos*, como aponta a trajetória zapatista (Ceceña,2004). Em resumo, que comporte quem deseja, ainda que em ritmos diferentes, contribuir nesta concreta possibilidade de agir e refletir sobre estes mundos. Sobre seu mundo (FREIRE, 1983,1978)

Assim, como observa Frei Beto em diálogo com Freire, a trajetória com estas gentes simples do povo (MARTINS, 2004; apud BRANDÃO, 1986), foi possível compreender que “*a metodologia é a pedagogia na prática*” (in KOTSCHO, 1988, p.77). Cada perspectiva reivindica passos metodológicos específicos e, sempre, coerentes (ainda que ousados ou *outros*) com sua visão e ambição de mundo. Ai, o

<sup>4</sup> Muga é anciã, na língua Boe (Bororo), da Aldeia Meruri, Mato Grosso, em diálogo com mestrandas/os em Geografia, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), por onde andou e aprendeu Levi Strauss, seguindo ele mesmo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



tempo-espaço de cada comunidade, grupo ou povo ir para além do tempo do capital (VISVANATHAN,2004).

E, ainda, um método que supere preceitos e (auto) preconceitos coletivos e garanta a contribuição coletiva. Onde a necessidade de se ultrapassar o adultocentrismo (RIVERA, 2004) marcante nas práticas e políticas educacionais, mesmo na escola pública, teóricas e dos meios de comunicação/jornalismo. A revista, construída com crianças e professoras/es da creche UFG, é exemplo recente. E, como diria o Black, na construção do *Quatro de Outubro*, “*quem sabe escrever, escreve; quem não sabe, dita!*”.

### 3. NOS CERRADOS, JORNALISMO E OS CORONÉIS

Os Cerrados centrais, no país, travam, enquanto sócio-bioma e um ser vivente mítico, duras batalhas com a ambição imperial eurocêntrica, desde 1500, na recusa em aceitar um modelo de sociedade calcado na escravização da outra e do outro, bem como na tentativa cínica de apropriação da terra-território e riquezas alheias. Uma monocultura discursiva, acadêmica e simbólica, submetida às monoculturas do capital, tem ocultado ou/e negado a violência do Estado e seu agronegócio apropriador (es).

Mais que isto, talvez. A *sojificação das sociedades* (Rocha, 2020) tem levado, ao mesmo tempo, à uma estranha, porque racista e fascista, empreitada dos meios de comunicação, de jornalistas e intelectuais, em (se) justificar (junto) a lógica policialesca da produção das monoculturas da soja, milho e cana à base de agrotóxicos e seus elementos cancerígenos (GWATÁ, 2024; TALGA e ROCHA,20024), os pacotes tecnológicos, incluindo tipo de sementes amarrado às doses de adubo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Uma assustadora *agrocognição* toma conta das academias e (em muitos casos) financia pesquisas e teses *homologadas*<sup>5</sup>, invadindo, com passividade acrítica sem precedentes, os meios de comunicação, igrejas e pastorais e se instalam nos poderes da República, em até mesmo, no silêncio de partidos mais progressistas que, no governo militar, denunciavam o Polocentro, a JICA e ousavam se posicionar e se envolver na defesa dos povos e movimentos populares e seus direitos ao solo, na cidade e no campo.

Em *O Massacre dos Posseiros*, Kotscho (1987), em longas reportagens para um jornal paulista<sup>6</sup>, traça um desenho desta *violência do desenvolvimento* sobretudo no Bico do Papagaio, antigo Goiás e hoje Tocantins, e projeta, quase sem querer, a sua projeção no presente em todo país. Ou seja, embora mais sofisticados porque justificados como imprescindíveis pelos aparelhos e agentes homologados, desta aliança também do jornalismo com os coronéis<sup>7</sup> (CARONE *apud* SILVA, 1982).

A empresas de produção de agrotóxicos, a exemplo da Bayer (agora dona da Monsanto), construíram, no tempo-espço desde o início do século XX, as suas plataformas e empresas multinacionais ou não também do veneno simbólico (Talga e Rocha, 2011), que têm, como tarefa central e determinante, (nos) convencer que os

<sup>5</sup> “Nos últimos anos, contudo, essa diferença (entre conhecimento e informação, entre o papel do intelectual e a função midiática) não apenas se esgarçou, como se tornou quase nula. Por isso, hoje estamos diante de um novo tipo de intelectual: o intelectual homologado. Este tipo de intelectual surge nos espaços da mídia hegemônica como uma espécie de adendo à informação, um plus, pois o saber, representado pela sua presença, que supostamente emprestaria prestígio às notícias é dado sempre na forma da informação, portanto descaracterizando os elementos que constituem qualquer tipo de conhecimento. Ou seja, sobre critérios que fazem do saber um não saber” (Alavina, 2017, p. 1).

<sup>6</sup> Jornal Folha de S Paulo, que viraram, depois, o livro.

<sup>7</sup> “Ao coronel cabe o controle e o domínio; o doutor se faz valer mais pelo poder da inteligência e da cultura, pelo prestígio da palavra ou por serviços prestados na advocacia e na medicina às famílias ricas ou às massas pobres[...] Ou fazem uma simbiose: o coronel entrava com a influência pessoal ou do clã, com o dinheiro e a tradição, o doutor, a ele aliado, com o manejo da máquina incumbindo-se das campanhas jornalísticas, da oratória nas ocasiões solenes, do ajustamento, das tricas, da votação, da apuração e das atas dos recursos eleitorais e dos debates das vereanças quando havia oposição” (Carone *apud* Silva, *opus cit.* 35) (Grifo da pesquisadora e do pesquisador).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



agrotóxicos são, de fato, inofensivos aos seres vivos, incluindo a natureza<sup>[8]</sup>, seus cursos d'água e no ar que se respira, a flora e fauna

Nos cerrados, com a sojificação das sociedades, duas outras culturas, milho e cana de açúcar, para o etanol, compõem esta realidade das novas monoculturas do hidroagronegócio neoliberal. Embora vigoroso, enquanto produção de grãos e instalação de uma sofisticada estrutura de tecnologias para produção agrícola e animal no interior do país, é responsável por significativa contribuição ao desequilíbrio ambiental, com a salinização e/ou desertificação do solo, e o contágio, por agrotóxicos, dos rios, fauna e flora, além de seres humanos e não-humanos (ROCHA, opus cit. p. 81)

As associações de combate ao câncer, espalhadas no interior de Goiás e o fluxo de ambulâncias para o Araújo Jorge, em Goiânia, ou os veículos públicos e privados para S. José do Rio Preto, além da ala infantil de hospital do câncer, em Cuiabá, reconstruída (e em campanha para reequipar) pela Aprosoja, escancaram estas mentiras e revelam a certeza de que produtores e produtoras, que usam tais venenos, e alguns braços e agentes da saúde sabem o que estão fazendo, seguramente.

A justiça cognitiva que se espera, portanto, exigirá, sempre, um fluxo de informação, bens culturais e conhecimento democrático, livre e de acesso radical para todas, todos e todes, não importando as normas da língua ou das narrativas. Assim, a comunicação e seu jornalismo compartilhado, face aos meios do capital, são as esferas em que se constituem e organizam os embates e combates simbólicos indispensáveis para se construir, nos cerrados, um futuro produtivo, criativo e solidário.

### 3.1. O simbólico grotesco das elites

A violência deste tipo de perspectiva, a gestão do Estado pelo agronegócio, se concentra agora no roncar de veículos de duas rodas e no assanhar das elites locais ao lado de seu governador e ex-fundador da UDR - que, na sua especialização médica em Paris, teria, segundo informações que circulam na política goiana, distribuído cartazes com grupo de Jean-Marie Le Pen, - para o circuito mundial de motociclismo, em cuja abertura, um cantor sertanejo, que ele sugeriu *jogar no mar*, recitará o hino nacional.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



E, à noite, entregará suas batalhas simbólicas para *Coração Acelerado*, da *Globo*<sup>8</sup>, que, não só cria um estranho sotaque que não representa nosso jeito rude, irreverente e criativo de falar, como cumpre bem seu papel ideológico de fortalecer outro cavalo de batalha do capital, o mundo vazio – e de pouco glamour –, sertanejo das elites. Só a atenta sociologia das burguesias (PINCHON e PINÇON-CHARL 2000,2007), para entender como essa gente defende seus privilégios e espaços, algo quase obsceno.

Importante lembrar que o Autódromo Internacional de Goiânia, construído por determinação dos militares, com seu desastroso projeto do carro Copersucar, com Fittipaldi, e na gestão do tio avô do atual governador de Goiás, Leonino de Ramos Caiado que, segundo Camargo Junior, em conversa com um seminário local à época, foi direto: “*Delfim Neto chamou o governador à Brasília e disse que verba federal só se for para construir um autódromo*”. Seguirá um caríssimo elefante branco.

Com o Serra Dourada - consumiu 140 milhões de cruzeiros em aditivos, acima do valor inicial de 70 milhões - edificadas para garantir trabalho para a gente expulsa do campo e do interior pelas investidas do Polocentro. O exército ajudou na limpeza para as bases do agronegócio. E a exemplo de outros órgãos públicos, construído também em terras da família Lousa, segundo se sabe. Ou seja, o dinheiro público, suado, bota asfalto, energia, para valorizar os espaços vazios imobiliário das elites.

Notas, em sequência, na mesma edição, maio de 1980, na coluna *Giro*, do jornal *O Popular*, de Goiânia, revela, em um surto de obtusa consciência de classe, com muita precisão, as questões de fundo que alimentaram, na época, a violenta tentativa de repressão nos conflitos pela conquista e uso do solo urbano e, trazem à luz

<sup>8</sup> Situação mais caricata, beirando o cinismo, vem também a série *As Poderosas do Cerrado*, da Globoplay, numa cidade com tamanha desigualdade e entre uma de maior concentração de renda no mundo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



e sem rodeios, os elementos que os meios de comunicação são, de concretamente, esferas dos interesses e/ou propriedade das burguesias locais .

### Invasão (I)

As autoridades que já se dispuseram a examinar sensatamente o problema dos invasores não conseguiram maior progresso no trabalho pela incidência de uma questão permanente: **indisposição generalizada para se aceitar o caminho do bom senso**. Como as pessoas envolvidas são **em sua maioria necessitadas e como quase todas elas não dispõem de dotes para um discernimento maior, conclui-se que estão sendo orientadas para assumir essa posição que em nada ajuda**.

### Invasão (II)

O episódio da Vila João Vaz deixou claro que uma determinada intervenção do poder público - **a desapropriação - não leva a resultados melhores**. É fácil explicar: o simples anúncio de que uma área está sendo desapropriada multiplica o número dos necessitados. Hoje, Goiânia não tem um número certo de pessoas carentes de moradia. O número é determinado a partir do anúncio de uma determinada providência, como, por exemplo, uma desapropriação. Em termos de solução do problema, essa medida torna-se assim inócua.

### Invasão (III)

Desapropriação leva à conflagração, já ficou provado. E, a despeito da magnitude do problema social que é essa leva de famílias sem ter onde morar, outros caminhos precisam ser buscados. **O problema é ainda mais delicado em Goiânia, onde o percentual mais alto da poupança está localizado na terra, ou seja, não se investe, aqui, em papéis, mas em lotes. O direito da propriedade, que deve ser preservado, é, em Goiânia, uma questão ainda mais complexa. Esses pontos são básicos para a reflexão que o grave problema exige** (Grifos são da/o pesquisadora/or).

Leitura que se mantém, agora, com uma crise profunda da cidade, que se autodenomina *metrópole*, com ocupação e uso dos espaços urbanos na ótica de um capital predador e especulativo, incapaz de resolver até mesmo a simples questão da mobilidade, aqui e pelo mundo todo. O que se agrava, do ponto de vista dos direitos plenos à cidade, quando os meios não são meros cúmplices da lógica perversa e de privilégios, mas parte determinantes destes processos todos.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



### 3.2. Por que a extensão se atreve a cobrar equilíbrio com ensino e pesquisa?

O projeto *Terra e Território*, dos *Laboratórios Integrados em Jornalismo Compartilhado Magnifica Mundi* e de núcleos da agricultura familiar, tradicional ou da reforma agrária (importante repetir), na região e Território Médio Araguaia, em Goiás, ao completar oito anos, visita o Centro de Formação e Tecnologias para Agricultura Familiar, Campus-Caldas Novas (também UFG), com uma decisão curiosa: era preciso inserir a pesquisa universitária em seus processos de construção comunitária e coletiva.

Ao se articular inicialmente no Território como um todo, via projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, para repensar e construir alternativas econômicas saudáveis para a agricultura familiar. É aí que, ainda que num processo trabalhoso e lento, camponesas e camponeses se aproximam do conceito pesquisa e vão, neste sentido, também, compreender a sua importância na consolidação deste seu desejo de um projeto sustentável, eficaz e solidário – em organizar produção e comercialização.

No entanto, na sua continuidade enquanto Extensão específica e vinculada ao Curso de Jornalismo (onde jornalistas, um professor e a outra também camponesa, fazem a coordenação do projeto), o *Terra e Território*, se atira para os quintais agroecológico que sustentarão a sua Agroindústria de Polpas de Frutas e cozinha funcional, num paciente processo de construção coletiva e comunitária, pela Cooperativa da Agricultura Familiar de Caiapônia e Palestina de Goiás- COOPERCAP.

Momentos em que, com a contribuição de quadros camponeses e a nova agrônoma, que aceitou ser apenas bolsista no projeto, o grupo começa a compreender que todo este esforço reivindica, de forma determinada, a contribuição da pesquisa (e suas inovações) e a experimentação continua para, de maneira concreta, se apropriar



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



de novas técnicas cultivo em suas terras, no reencontro (sempre muito difícil, se dizia) com a agroecologia e articulação de um modelo de Bioeconomia comunitária popular.

O que se percebe, das rodas de conversa e outras vivências, é que não basta a pesquisa para apenas resolver problemas pontuais e isoladas nos espaços específicos, mas ajudar, ainda, a sistematizar, neste convívio território-universidade, conhecimentos e técnicas aplicadas/os aquele território específico, inicialmente, contra os pacotes tecnológicos do agronegócio. Um pensar cerradeiro, uma ciência cerradeira, parece (em) se apresentar não só no horizonte, mas no chão batido onde se vive e produz.

### 3.3. E o jornalismo em tudo isto (?), como conclusão inconclusa

O jornalismo não poderia ficar fora deste relato, como um esforço de pequena reflexão, sobretudo se coordenado por profissionais com longa caminhada, nos veículos do capital, na universidade e com os movimentos sociais populares, dos povos. Aqui e pelo mundo a fora. Mas porque jornalistas conseguem, de algum modo e mesmo com esforço, articular a formulação e a construção de um projeto de dimensões tão grandes como o *Terra-e-Território?* como pergunta frequente.

Nas vivências, é preciso repetir para se reforçar o método, com seus desafios e contradições, e nas práticas iniciais de comunicação não só se descobre a importância e paixão popular pela comunicação, e o seu jornalismo popular (repete-se). Mas, sobretudo, vai se aprendendo e lembrando, também, da fala de Milton Santos, na abertura do Intercom-UFPA, de que “*a comunicação não se dá no vazio, no espaço. Ela se dá no território, no tato e no contato*”. Ela, parece, se constitui na dinâmica da própria cultura vivida.

Evidente, de algum modo, a desconfiança de que mulheres e homens simples fossem capazes de fazer circular suas riquezas imateriais e, muito menos, estabelecer conteúdos – e métodos – para o combate simbólico nas sociedades. Uma viseira, oriunda do convencimento que os próprios meios



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



(burgueses) de comunicação estimularam, de que só se fala a grupos sociais ampliados através deles (Halimi, 2003; Rocha, 2011). O fazer comunicativo popular está, portanto, como fator determinante e estratégico também da luta de classe e das suas lutas específicas e localizada (ROCHA, *opus cit*, 236)

Na realidade, vai se concluindo, que os meios ou veículos são, de maneira efetiva, ferramentas para espalhar – na comunidade, no território, no país e no planeta – informações, bens culturais e conhecimentos. O estudo, detalhado da comunicação nos movimentos populares, revela que cada grupo é capaz, sempre, de fazer circular os conteúdos de seu interesse. Daí, que as burguesias se recursam à uma reforma agrária do ar (MACHADO et al. , 1986), com a censura e perseguição às rádios e tvs livre, bem como a fazer uma comunicação democrática nos seus latifúndios simbólicos.

Esses meios são, portanto, esferas estratégicas das elites nas disputas societárias, pobres ou ricas. Sentido que torna mais atualizada a observação de Robinho Azeredo de que era (é) preciso travar e ganhar, também, a batalha da informação. Ao interromper a apropriação – muito clara hoje, no mundo todo – da mais valia simbólica (Dussel, *op.cit*), de um grupo social específico e de seus agentes a primazia da palavra, das narrativas em grande escala. Perceber isto é contrapor às megas narrativas (Lander, *op.cit*) e compreender como as ideias se organizam e caminham nas sociedades, justas ou injustas. (*idem*, p. 238)

O *Terra-e-Território*, mais que um projeto de extensão que marcha para a pesquisa e o ensino com outras áreas do conhecimento, como agroecologia, pecuária sustentável, geografia, antropologia, etc., acredita-se, é um universo vasto de gente, histórias, desafios que ousa propor e se envolver na construção de um projeto agroflorestal na BioEconomia comunitária e a desafiar a universidade a se envolver com a pesquisa aplicada e mesmo ensino pelo Pronera. Ousa-se falar em universidade popular?



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ludmila Pereira. Mulheres do Cerrado lutam por “saborania” e soberania alimentar. In. **Gênero e Número**, outubro 27, 2023. Recuperado de <https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-cerrado-alimentos/>

BRANDÃO, C. R. **Os deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense.1986

BRANDÃO, C. R. **Plantar, colher, comer**: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal.1981

CECEÑA A. E. Los desafios del mundo en que caben todos los mundos y lasubversión del saber histórico de la lucha. **Revista Chiapas**, 16. 2004. Recuperado de <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/chiapas/chiapas16/CH16cecena.pdf>.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** tradução de Rosisca Darcy de Oliveira . 7a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, 93 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Petrópolis: Vozes. 1978.

FREIRE, P., BETTO, F. & Kotscho, R. **Essa escola chamada Vida**. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho (9a ed.). São Paulo: Ática. 1987

GWATÁ – Núcleo de Agroecologia e educação do campo. (Org.) **Agrotóxicos e impactos socioambientais na América Latina**. Ed. Anápolis-Go: Editora UEG. 2024;

HUNGRIA, Mariângela - “O papel da mulher é muito maior do que o do homem na segurança alimentar”. In **Folha de S Paulo**, novembro 11, 2025. Recuperado de Home | Folha <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2025/11/papel-da-mulher-e-muito-maior-que-o-do-homem-na-seguranca-alimentar->

KOTSCHO, R. **O massacre de posseiros**. Conflito de terras no Araguaia-Tocantins. São Paulo: Brasiliense. 1981

MACHADO, A.; MAGRI, C. e MASAGÃO, M. **Rádios livres**: A reforma agrária no ar. S. Paulo: Brasiliense 1986. Prefácio: Felix Guattari

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000

RIVERA. P. R. “Gêminis”, uma proposta no universo da educomunicação. In R. D.Teixeira, & R. B. Kran (Orgs.). **Todos os Contos**: verificação do imaginário infanto-juvenil (uma experiência de educomunicação) (pp.106-115). Goiânia: Kelps.2004



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



ROCHA, N. J.R. **A Cidade das Palavras** (Insubmissas). Comunicação Popular e Globalização Compartilhada. Tese doutoral CES/FEUC-Universidade de Coimbra, 2020

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**. Entrevista in Fronteiras do Pensamento , 2012. Março, 12. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Jol6obrtCpg&t=7s>

SILVA, A. L. **A revolução de 30 em Goiás**. Doutorado, Universidade de S.Paulo, S. Paulo. 1982.

TALGA, D.O. & ROCHA, N. J. R. Mídia e Agrotóxicos no Agronegócio do Capital, Envenenamento Humano e Simbólico do Planeta. **Razón y Palabra**, vol. 20, núm. 94, 2016-diciembre, pp. 770-790 Universidad de los Hemisferios Quito, Ecuador.

TALGA, D. O. ROCHA, N.J.R. A estranha trajetória da indústria da morte: a Bayer e os crimes contra a humanidade.? in GWATÁ – Núcleo de Agroecologia e educação do campo. (Org.) **Agrotóxicos e impactos socioambientais na América Latina**. Ed. Anápolis-Go: Editora UEG., 2024. pp. 337-398.

VISVANATHAN, S. (2004). Um convite para a guerra da ciência. In B. S. Santos (Ed.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente** (pp. 757-776). São Paulo: Cortez Editora. 2004.